

CARLOS FUENTES

CONTOS NATURAIS

Tradução de Helena Pitta

As Duas Elenas

Para José Luis Cuevas

– Não sei onde Elena vai buscar essas ideias. Ela não foi educada assim. E você também não, Víctor. Mas o facto é que o casamento a mudou. Sim, não há dúvida. Julguei que o meu marido ia ter um ataque. Essas ideias não se podem defender, menos ainda à hora do jantar. A minha filha sabe muito bem que o pai precisa de comer em paz, caso contrário sobe-lhe imediatamente a pressão. Disse-o o médico. E, no fim de contas, este médico sabe o que diz. Por alguma razão cobra duzentos pesos por consulta. Peço-lhe encarecidamente que fale com Elena. A mim não me faz caso. Diga-lhe que lhe suportamos tudo. Que não nos importamos que descure a sua casa para aprender francês. Que não nos importamos que vá ver esses filmes estranhíssimos a uns antros cheios de cabeludos. Que não nos importamos com aquelas meias vermelhas de palhaço. Mas que à hora do jantar diga ao pai que uma mulher pode viver com dois homens para se completar... Víctor, para seu próprio bem, tem de tirar essas ideias da cabeça da sua mulher.

Desde que viu *Jules e Jim* num cineclube, Elena teve a lata de levar a batalha para o jantar dominical – a única reunião obrigatória da família. À saída do cinema pegámos no *MG* e fomos jantar ao Coyote Flaco, em Coyoacán. Elena estava, como sempre, muito

bonita, com a camisola preta e a saia de cabedal e as meias de que a sua mãe não gosta. Além disso, tinha posto um colar de ouro de onde pendia uma estatueta em jadeíte que, segundo um amigo antropólogo, representa o príncipe Uno Muerte dos mixtecos. Elena, que é sempre tão alegre e despreocupada, nessa noite parecia intensa: as cores tinham-lhe subido para as faces e quase nem cumprimentou os amigos que geralmente fazem tertúlia naquele restaurante um tanto gótico. Perguntei-lhe o que queria pedir e não me respondeu; em vez disso, agarrou-me no punho e olhou para mim fixamente. Eu pedi dois pregos no pão com alho enquanto Elena abanava o cabelo rosa pálido e acariciava o pescoço:

– Víctor, nibelungo, dou-me conta pela primeira vez de que vocês têm razão em ser misóginos e de que nós nascemos para que nos detestem. Já não vou fingir mais. Descobri que a misoginia é o requisito do amor. Já sei que estou enganada mas quanto mais necessidades expressar, mais me vais odiar e mais me vais tratar de satisfazer. Víctor, nibelungo, tens de me comprar um fato antigo de marinheiro como o de Jeanne Moreau.

Eu disse-lhe que achava perfeito, desde que continuasse a esperar tudo de mim. Elena acariciou-me a mão e sorriu.

– Já sei que não consegues libertar-te, meu amor. Mas tem fé. Quando acabares de me dar tudo o que te pedir, tu mesmo queres que outro homem partilhe as nossas vidas. Tu mesmo pedirás para ser Jules. Tu mesmo pedirás que Jim viva connosco e suporte o peso. Não o disse o Lourinho? Amemo-nos uns aos outros, pois então.

Pensei que Elena poderia ter razão no futuro; depois de quatro anos de casamento sabia que ao seu lado todas as regras morais aprendidas desde a infância tendiam a desvanecer-se naturalmente. Foi o que sempre amei nela: a sua naturalidade. Nunca nega uma regra para impor outra, mas para abrir uma espécie de porta, como aquelas das histórias infantis, onde cada folha ilustrada contém o prenúncio de um jardim, de uma gruta, de um mar onde se chega através da abertura secreta da página anterior.

– Não quero ter filhos nos primeiros seis anos – disse uma noite, recostada nas minhas pernas, na sala escura da nossa casa,

enquanto ouvíamos discos de Cannonball Adderley; e na mesma casa de Coyoacán que decorámos com imagens de estofado policromo e máscaras coloniais de olhos hipnóticos: – Tu nunca vais à missa e ninguém diz nada. Eu também não irei e que digam o que quiserem; e nas águas-furtadas que nos servem de quarto e que nas manhãs claras recebe a luz dos vulcões: – Hoje vou tomar café com Alejandro. É um grande desenhador, ficará inibido se estiveres presente e eu preciso que me explique a sós algumas coisas; e enquanto me segue pelos andaimes que ligam os andares inacabados do conjunto de casas que estou a construir no Desierto de los Leones: – Vou viajar durante dez dias de comboio pela República; e ao tomar um café apressado no Tirol a meio da tarde, enquanto move os dedos cumprimentando os amigos que passam pela calle de Hamburgo: – Obrigada por me levares a conhecer o bordel, nibelungo. Pareceu-me ser dos tempos de Toulouse-Lautrec, tão inocente como um conto de Maupassant. Estás a ver? Agora já sei que o pecado e a depravação não estão ali, mas noutro lado; e depois de uma sessão privada de *O Anjo Exterminador*: – Víctor, moral é tudo o que dá vida e imoral, tudo o que tira vida, não é verdade?

E agora repetiu-o, com um pedaço de sanduíche na boca: – Não é verdade que tenho razão? Se um *ménage à trois* nos dá vida e alegria e nos torna melhores nas nossas relações pessoais entre três do que éramos na relação entre dois, não é verdade que isso é moral?

Concordei enquanto comia, ouvindo o crepitar da carne que assava na grelha alta. Vários amigos viam se os seus bifes ficavam no ponto que desejavam e depois vieram sentar-se connosco e Elena voltou a rir-se e a ser a mesma de sempre. Tive a infeliz ideia de percorrer os rostos dos nossos amigos com o olhar e de imaginar cada um deles instalado em minha casa, dando a Elena a porção de sentimento, estímulo, paixão ou inteligência que eu, esgotado nos meus limites, me sentisse incapaz de lhe obsequiar. Enquanto observava este rosto agudamente disposto a ouvir (e eu às vezes canso-me de ouvi-la); esse, oferecendo-se amavelmente para colmatar as lacunas dos raciocínios (eu prefiro que a conversa dela

careça de lógica ou de consequências); aquele, mais inclinado a formular perguntas precisas e, segundo ele, reveladoras (e eu nunca uso a palavra, mas o gesto ou a telepatia para pôr Elena em movimento), consolava-me dizendo que, no fim, o pouco que poderiam dar-lhe, dá-lo-iam a partir de certo extremo da minha vida com ela, como uma sobremesa, um fortificante, um acrescento. Aquele, o do cabelo à Ringo Starr, perguntou-lhe precisa e reveladoramente porque continuava a ser-me fiel e Elena respondeu que a infidelidade era hoje uma regra, tal como antigamente a comunhão todas as sextas-feiras e deixou de olhar para ele. O outro, o da gola alta preta, interpretou a resposta de Elena acrescentando que, sem dúvida, a minha mulher queria dizer que agora a fidelidade voltava a ser a atitude rebelde. E este, o do perfeito casaco eduardiano, limitou-se a convidar Elena a falar mais, com o olhar intensamente oblíquo: ele seria o ouvinte perfeito. Elena levantou os braços e pediu um café expresso ao empregado.

Caminhámos de mãos dadas pelas ruas empedradas de Coyoacán, sob os freixos, sentindo o contraste do dia quente que se prendia às nossas roupas e da noite húmida que, depois do aguaceiro da tarde, dava brilho aos nossos olhos e cor às nossas faces. Gostamos de passear em silêncio, cabisbaixos e de mãos dadas, pelas velhas ruas que foram, desde o princípio, um ponto de encontro das nossas inclinações comuns para a assimilação. Creio que nunca falámos disto, Elena e eu. Nem é preciso. A verdade é que nos dá prazer possuímos coisas velhas, como se as resgatássemos de algum esquecimento doloroso, ou como se ao tocá-las lhes déssemos nova vida, ou como se ao procurar um sítio para elas, a luz e o ambiente adequados lá em casa, na realidade estivéssemos a defender-nos de um esquecimento semelhante no futuro. Há aquela maçaneta com carranca de leão que encontramos numa fazenda de Los Altos e que acariciamos ao abrir a porta de entrada de casa, sabendo que cada carícia a desgasta; há a cruz de pedra no jardim, iluminada por uma luz amarela, que representa quatro rios convergentes de corações arrancados, talvez, pelas mesmas mãos que depois talharam a pedra, e há os cavalos pretos de algum carrossel desmontado há muito tempo, bem

como as figuras de proa de bergantins que devem jazer no fundo do mar, se não revelam o seu esqueleto de madeira nalguma praia de catatuas solenes e tartarugas agonizantes.

Elena tira a camisola e acende a lareira, enquanto eu procuro os discos de Cannonball, sirvo dois copos de absinto e me reclino sobre o tapete à sua espera. Elena fuma com a cabeça em cima das minhas pernas e os dois ouvimos o sax lento do Irmão Lateef, que conhecemos no Gold Bug de Nova Iorque com a sua figura de bruxo congolês vestido por Disraeli, os olhos mortiços e salientes como duas boas africanas, a barbicha de Svengali segregado e os lábios arroxeados unidos ao saxofone que emudece o negro para o fazer falar com uma eloquência tão alheia ao seu certamente rouco gaguejar da vida diária, e as notas lentas, de uma afirmação queixosa, que nunca chegam a dizer tudo o que querem porque são só, do princípio ao fim, uma procura e uma aproximação repletas de um estranho pudor, essas notas dão um sabor e uma direção ao nosso tato, que começa a reproduzir o sentido do instrumento de Lateef: anúncio puro, puro prelúdio, pura limitação aos prazeres preliminares que, por isso, se transformam no próprio ato.

– O que os negros americanos estão a fazer relativamente aos brancos é dar a volta ao chicote pelo cabo – diz Elena quando ocupamos os lugares consabidos na enorme mesa *chippendale* da sala de jantar dos seus pais. – O amor, a música, a vitalidade dos negros obrigam os brancos a justificar-se. Reparem que agora os brancos perseguem fisicamente os negros porque se deram conta finalmente de que os negros os perseguem a eles psicologicamente.

– Pois eu fico grato por não haver negros aqui – diz o pai de Elena ao servir-se da sopa de alho-francês e batata que lhe oferece, numa fumegante terrina de porcelana, o empregado indígena que de dia rega os jardins do casarão de Las Lomas.

– Mas isso o que interessa, papá? É como se os esquimós agradessem o facto de não serem mexicanos. Cada qual é o que é e pronto. Interessante é ver o que acontece quando entramos em contacto com alguém que nos põe em causa e, no entanto, sabemos que nos faz falta. E que nos faz falta porque nos nega.

– Anda, come. De domingo para domingo estas conversas tornam-se cada vez mais idiotas. A única coisa que sei é que tu não te casaste com um negro, não é verdade? Higinio, traga as *enchiladas*.

Don José observa-nos, a Elena, a mim e à sua mulher com um ar de triunfo, e dona Elena mãe, para salvar a conversa esmorecida, relata as suas atividades da semana passada, eu observo o mobiliário de brocado cor de pau-rosa, os jarrões chineses, as cortinas de gaze e os tapetes de pele de vicunha desta casa retilínea de enormes janelas, através das quais se veem os eucaliptos do barranco agitarem-se. Don José sorri quando Higinio lhe serve as *enchiladas* cobertas de nata e os seus olhinhos verdes enchem-se de uma satisfação quase patriótica, a mesma que vi neles quando o presidente agitou a bandeira a 15 de setembro, embora não a mesma – muito mais húmida – que os entenece quando se senta a fumar um charuto diante da sua *jukebox* particular a ouvir boleros. Os meus olhos detêm-se na mão pálida de dona Elena, que brinca com as migalhas de pão e descreve, com cansaço, todas as ocupações que a mantiveram ativa desde a última vez que nos vimos. Oiço de longe aquela catarata de idas e vindas, jogos de canasta, visitas ao dispensário de crianças pobres, novenas, bailes de caridade, procura de cortinas novas, brigas com as criadas, longos telefonemas com os amigos, suspiradas visitas a padres, bebês, modistas, médicos, relojoeiros, pasteleiros, marceneiros e lojas de molduras. Detive o meu olhar nos seus dedos pálidos, longos e acariciadores, que fazem bolinhas com as migalhas.

– ... disse-lhes que nunca mais me viessem pedir dinheiro a mim, porque eu não mexo em nada disso. Que os enviaria com gosto ao escritório do teu pai e que aí a secretária os atenderia...

... o pulso finíssimo, de movimentos lânguidos, e a pulseira com medalhas do Cristo del Cubilete, do Ano Santo em Roma e da visita do presidente Kennedy, banhadas a cobre e a ouro, que chocam umas nas outras enquanto dona Elena brinca com as migalhas...

– ... uma pessoa já faz bastante dando-lhes o seu apoio moral, não achas? Andei à tua procura na quinta-feira para irmos

juntas ver a estreia do *Diana*. Até mandei o motorista para a fila logo de manhã, havias de ver a fila que há no dia da estreia...

... e o braço cheio, de pele muito transparente, com as veias traçadas como um segundo esqueleto, de vidro, desenhado atrás da lisura branca.

– ... convidei a tua prima Sandrita e fui buscá-la de carro mas entretivemo-nos com o recém-nascido. Está lindo. Ela está muito sentida porque nem sequer telefonaste a felicitá-la. Um telefonema não te custaria nada, Elenita...

... e o decote preto aberto sobre os seios altos e comprimidos como um novo animal capturado num novo continente...

– ... no fim de contas somos da família. Não podes renegar o teu sangue. Gostaria que tu e o Víctor fossem ao batizado. É no próximo sábado. Ajudei-a a escolher os cinzeiros que vão oferecer aos convidados. O tempo passou-se à conversa e os bilhetes ficaram por usar.

Ergui os olhos. Dona Elena olhava para mim. Baixou imediatamente as pálpebras e disse que tomaríamos café na sala. Don José pediu licença e foi para a biblioteca, onde tem aquela Rockola elétrica que toca os seus discos preferidos em troca de uma falsa moeda de vinte introduzida na ranhura. Sentámo-nos a tomar café e, ao longe, a *jukebox* emitiu um glu-glu e começou a tocar *Nosotros* enquanto dona Elena ligava o televisor, mas deixando-o sem som, como indicou levando um dedo aos lábios. Vimos passar as imagens mudas de um programa de tesouro escondido, onde um solene mestre de cerimónias guiava cinco concorrentes – duas jovencinhas nervosas e risonhas penteadas como colmeias, uma dona de casa muito educada e dois homens morenos, maduros e melancólicos – até ao cheque escondido no pequeno estúdio repleto de jarrões, livros de cartão e caixinhas de música.

Elena sorriu, sentada ao meu lado na penumbra daquela sala de chão de mármore e flores de plástico. Não sei onde foi buscar aquela alcunha nem que relação tem comigo, mas começou a fazer jogos de palavras com ela enquanto me acariciava a mão:

– Nibelungo. Ni Ve Lungo. Nibble Hongo. Niebla lunga.

As personagens cinzentas, riscadas, ondulantes, procuravam o seu tesouro diante dos nossos olhos e Elena, aninhada, deixou cair os sapatos no tapete e bocejou enquanto dona Elena olhava para mim, inquisitiva, aproveitando a escuridão, com aqueles olhos negros muito abertos e rodeados de olheiras profundas. Cruzou uma perna e ajeitou a saia sobre os joelhos. Da biblioteca chegavam-nos os murmúrios do bolero: *nosotros, que tanto nos quisimos* e, quem sabe, algum grunhido do sopor digestivo de don José. Dona Elena deixou de olhar para mim para fixar os seus grandes olhos negros nos eucaliptos agitados atrás da janela. Segui o seu novo olhar. Elena bocejava e ronronava, recostada nos meus joelhos. Acariciei-lhe a nuca. Atrás de nós, o barranco que atravessa como uma ferida selvagem Lomas de Chapultepec parecia manter um resquício de luz secretamente acentuado pela noite móvel que dobrava a espinha das árvores e lhes despenteava as cabeleiras pálidas.

– Lembras-te de Veracruz? – perguntou, sorrindo, a mãe à filha; mas dona Elena olhava para mim. Elena assentiu com um murmúrio, dormitando em cima das minhas pernas, e eu respondi:

– Sim. Fomos muitas vezes juntos.

– Gosta? – Dona Elena estendeu a mão e deixou-a cair no regaço.

– Muito – disse. – Dizem que é a última cidade mediterrânica. Gosto da comida. Gosto das pessoas. Gosto de me sentar durante horas à entrada das casas a comer *molletes* e a beber café.

– Eu sou daí – disse a senhora; e, pela primeira vez, reparei nas suas covinhas.

– Sim, já sei.

– Mas até perdi o sotaque – riu-se, mostrando as gengivas. – Casei-me com dezoito anos. E quando se vive na Cidade do México, perde-se o sotaque provinciano. Você já me conheceu, bem... madura.

– Todos dizem que a senhora e Elena parecem irmãs.

Os lábios eram finos mas agressivos: – Não. É que agora estava a lembrar-me das noites de tempestade no Golfo. Parece que o sol não quer desaparecer, sabe, e mistura-se com a tempestade e fica tudo banhado por uma luz verde, muito pálida, e uma pessoa

sufoca atrás das janelas à espera que a água passe. Nos trópicos a chuva não refresca. Só provoca calor. E não sei por que razão os criados tinham de fechar as janelas cada vez que vinha uma tempestade. Teria sido tão bonito deixá-la passar com elas muito abertas.

Acendi um cigarro: – Sim, fazem levantar cheiros bastante espessos. A terra exala os seus perfumes de tabaco, de café, de tamarindo...

– Os quartos também – dona Elena fechou os olhos.

– Como?

– Nessa altura não havia quartos de vestir – passou a mão pelas rugas finas ao pé dos olhos. – Em cada quarto havia um roupeiro e as criadas tinham o hábito de pôr folhas de louro e orégãos no meio da roupa. Além disso, o sol nunca secava bem alguns cantos. Cheirava a mofo, como hei de dizer, a musgo...

– Sim, calculo. Eu nunca vivi nos trópicos. Sente saudades?

E agora esfregou os pulsos, um contra o outro, e mostrou as veias salientes das mãos: – Às vezes. Tenho dificuldades em lembrar-me. Veja bem, casei-me aos dezoito anos e já me consideravam solteirona.

– E tudo isso a fez lembrar esta estranha luz que permaneceu no fundo do barranco?

A mulher levantou-se. – Sim. São os focos que José mandou instalar a semana passada. São bonitos, não é verdade?

– Creio que Elena adormeceu.

Fiz-lhe cócegas no nariz, Elena acordou e regressámos no *MG* a Coyoacán.

– Desculpa estas secas aos domingos – disse Elena quando eu saía para as obras na manhã seguinte. – Que remédio. Temos de manter alguma ligação com a família e com a vida burguesa, nem que seja por necessidade de contraste.

– O que vais fazer hoje? – perguntei-lhe enquanto enrolava as minhas plantas e pegava na minha pasta.

Elena mordeu um figo, cruzou os braços e mostrou a língua a um Cristo vesgo que encontrámos uma vez em Guanajuato. – Vou pintar toda a manhã. Depois vou almoçar com Alejandro para lhe mostrar as minhas últimas coisas. No estúdio dele. Sim,

já o terminou. Aqui no Olivar de los Padres. À tarde vou à aula de Francês. Talvez tome um café e depois espero por ti no cineclub. Passam um *western* mítico: *O comboio apitou três vezes*. Amanhã fiquei de me encontrar com aqueles rapazes negros. São dos Black Muslims e estou louca para saber o que pensam realmente. Dás-te conta de que só sabemos disso pelos jornais? Já falaste alguma vez com um negro norte-americano, nibelungo? Amanhã à tarde não te atrevas a incomodar-me. Vou fechar-me a ler Nerval de uma ponta à outra. Juan que não pense que vai voltar a impressionar-me com o *soleil noir de la mélancolie* e chamando-se a si próprio viúvo e desconsolado. Eu já o topei e amanhã à noite vou dar-lhe uma banhada. Sim, vai haver um baile de máscaras. Temos de ir vestidos de murais mexicanos. Mais vale assimilar isso de uma vez. Compra-me uns jarros, Víctor nibelunguito, e, se quiseres, veste-te de cruel conquistador Alvarado que marcava as índias com ferros em brasa antes de as possuir. – *Oh Sade, where is the whip?* Ah, e na quarta-feira Miles Davies toca nas Belas-Artes. É um pouco *passé*, mas de qualquer forma alvoroça a hormonagem. Compra bilhetes. Tchau, amor.

Beijou-me na nuca e eu não pude abraçá-la por causa dos rolos de projetos que tinha entre as mãos, mas arranquei no carro com o aroma do figo no pescoço e a imagem de Elena com a minha camisa vestida, desabotoada e amarrada à altura do umbigo e as suas calças estreitas de toureiro e os pés descalços, preparando-se para... ia ler um poema ou pintar um quadro? Pensei que teríamos de ir rapidamente de viagem. Isso aproximava-nos mais do que qualquer outra coisa. Cheguei ao Periférico. Não sei porquê, em vez de atravessar a ponte de Altavista em direção ao Desierto de los Leones, entrei na circular e acelerei. Sim, às vezes faço-o. Quero estar só e correr e rir-me quando alguém me insulta a mãe. E, talvez, guardar durante meia hora a imagem de Elena a despedir-se, da sua naturalidade, da sua pele dourada, dos seus olhos verdes, dos seus infinitos projetos, e pensar que sou muito feliz ao seu lado, que ninguém pode ser mais feliz ao lado de uma mulher tão ardente, tão moderna, que... que me... que me completa tanto.

Passo ao lado de uma fundição de vidro, de uma igreja barroca, de uma montanha russa, de um bosque de ciprestes. Onde terei ouvido esta palavrinha? Completar. Circundo a fonte de Petróleos e subo pelo Paseo de la Reforma. Todos os automóveis descem para o centro da cidade, que cintila ao fundo atrás de um véu impalpável e sufocante. Eu subo para as Lomas de Chapultepec, onde a estas horas só estão os criados e as senhoras, de onde os maridos saíram para o trabalho e as crianças para a escola e onde certamente a minha outra Elena, o meu complemento, deve estar à espera na sua cama quente com os olhos negros e olheirentos muito sobressaltados e a carne branca e madura e profunda e perfumada como a roupa nos armários tropicais.